

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Museu Clube da Esquina (MCE)

Uma amizade que dá orgulho

História de [Aluísio de Paula Sales Junior](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 11/11/2004

Projeto: Museu Clube da Esquina

Depoimento: Aluísio de Paula Sales Junior

Entrevistado por: Claudia Leonor e Tatiana Dias

Local: Belo Horizonte, 17 de abril de 2004

Realização: Museu da Pessoa

Entrevista: MCE_CB005

Transcrito por: Maria da Conceição Amaral da Silva

P/1 – Bom, para começar a nossa entrevista eu vou pedir para você falar de novo o seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Legal. Meu nome é Aluísio de Paula Sales Junior, eu nasci em Belo Horizonte em 1951.

P/1 – Mas todo mundo te chama de Juninho.

R – É.

P/1 – De onde vem esse apelido?

R – Olha, isso vem de família. Ih, eu já me insurgi contra essa coisa do Juninho. Pô, Juninho para cá. Eu falava assim: “Mas eu não tenho cara de Juninho.” Mas eu não tenho, eu sou o Juninho, não tem jeito, né? É uma coisa que vem de família, e foi ficando, E passou para os amigos e eu virei o Juninho. Não tem jeito, 52 anos nas costas e Juninho. Juninho para lá, Juninho para cá. É isso aí, do jeito que ficou.

P/1 – (risos) Ô Juninho, me fala uma coisa, como que você descreveria sua carreira assim, meio que sucintamente assim, qual o seu percurso profissional?

R – Eu acho a minha carreira profissional muito engraçada. Sabe assim, muito cheia de momentos engraçados e variados. Eu, em 1968, eu fui estudar em Santa Rita do Sapucaí. Fui fazer um curso de eletrônica e fiquei em Santa Rita até 1971. Foi até uma coisa importante nessa ligação com o Clube da Esquina, que quando eu voltei de Santa Rita formado em eletrônica, eu fui trabalhar naquilo que era o melhor emprego da eletrônica na época, que era na Telemig. Era emprego na área de telefonia, era um super emprego. Mas esse contato, era um momento político, né? Aquela coisa dos anos de 1970, início dos anos de 1970, final dos anos de 1960. A minha convivência com o pessoal do Clube da Esquina, que se deu através do Juvenal. Juvenal Pereira, fotógrafo que estava ligado ao pessoal também. O Juvenal era colega do Fernando Brant no O Cruzeiro. O Juvenal era fotógrafo no O Cruzeiro. E eu comecei a conviver com o pessoal do Clube da Esquina. E vivendo aquele momento político complicado, vivendo aquele momento que certo, o início dos anos de 1970 foi também um momento de muita contracultura, de revolução de costumes. Um momento que o mundo estava mudando muito, eu me pus também a questionar aquela carreira muito burguesa que eu tinha, aquela profissão, né? Qual que seria o meu destino? Seria fazer Engenharia, encaminhado, eu estava pronto para fazer Engenharia. Trabalhar na área de Comunicação e ter uma carreira institucionalmente definida por esse lado. Mas a partir daí, também essa minha ligação com música, que vem de antes disso. Minha mãe foi professora de música. Minha mãe foi uma das fundadoras da Fundação de Educação Artística, que é uma escola muito significativa de música aqui em Belo Horizonte. Que formou o Uakti, que formou o Marco Antônio Guimarães, que formou muita gente boa da música. É uma outra linha, diferente do pessoal do Clube da Esquina, que é um pessoal mais popular. A Fundação tem uma linha que nessa época era mais clássica. Mais ligado ao pessoal do Arnaldo Godoy talvez, né?

P/1 – Hum, hum

R – Mas então com essa convivência com o pessoal da música, com o Fernando, com o Marcinho, com o Bituca, eu mesmo comecei a reorientar a minha vida. Saí. Larguei meu trabalho de técnico em eletrônica. Abandonei essa profissão e fui para... Viajei um tempo. Virei maluco. Eu fui para Salvador, viver dentro do carro uns tempos.

P/1 – (riso)

R – E depois disso eu fui para São Paulo, onde eu comecei a trabalhar em um estúdio de som. Eu tinha sido colega do Peninha Schmidt, que hoje é um grande produtor de rock em São Paulo. E eu fui para a casa do Peninha e nós começamos a trabalhar no estúdio de som, que foi o primeiro estúdio em quatro canais que teve no Brasil. Era o estúdio da, chamava Prova, era do José Scatena. E da Prova também, na Prova chegou o primeiro sintetizador que teve no Brasil. Como eu tinha uma formação muito sólida em eletrônica, nós fomos os primeiros programadores que tiveram de sintetizadores no Brasil. Então assim, eu trabalhei como técnico de gravação de discos com o primeiro disco do Secos e Molhados. Primeiro disco pessoal aí do Ceará. E a partir daí eu comecei a trabalhar com show. Eu e o Peninha ajudamos o Té que é irmão da Rita Lee, a montar o primeiro PA (public address) que teve no Brasil para show, que era dos Mutantes. A gente ia para a Cantareira na casa da Rita, do pessoal. E era aquela balada pesada, né? Que é barra pesada, enfim, quem viveu, quem sobreviveu sabe o que é que foi, né? E comecei a trabalhar com show também. Aí eu saí da Prova e comecei a trabalhar na Val e Val que era uma empresa que fazia shows dos baianos: Gal, Gil, Chico. (risos) O Chico não é baiano.

P/1 – (risos)

R – Mas também fazia parte do elenco que a Val e Val atendia às vezes, né? E aí eu comecei a trabalhar como técnico de som em show. São Paulo e Rio. E comecei a trabalhar muito nessa ponte aérea. E eram os tempos heróicos do show business. Era muito legal. Eu fiz show de Caetano com 10 pessoas no Teatro Tereza Raquel, quando eles voltaram do exílio. Caetano, assim, logo que eles chegaram em 1972, o Tereza Raquel era um escomburo. Assim, ele era um, ele estava só na carcaça. Não tinha poltrona, não tinha nada. Os degraus tudo de cimento. E fazia-se muito show lá. Os baianos faziam muito show lá. Era onde tinha sido o Teatro Opinião, onde tinham tido vários shows do Opinião. Então eu trabalhei como técnico de som, também ligado à música. Até que em 1975, a balada era muito pesada, né? Era muito pesada. Então eu resolvi voltar e continuar na carreira. Decidi vim fazer Comunicação. Eu tinha interrompido uma carreira, vamos dizer, acadêmica assim em 1971. Eu tinha mudando o curso da minha vida, aí eu larguei, eu estava fazendo Gal Fatal, se não me engano. A Gal até me convidou para ficar, para sair da Val e Val, para montar um equipamento e ficar trabalhando com ela. Mas eu abri mão e voltei para cá. Fiz vestibular, e entrei em Comunicação. Mas continuei ligado de alguma maneira. Fui trabalhar na Bemol, que era um estúdio de... o primeiro estúdio de som que teve em Belo Horizonte. Trabalhei como técnico de som. Estava fazendo Comunicação. A partir de 1977 eu fui para agência de publicidade. A partir de 1975 eu estava resolvido a fazer cinema. Então eu falei: “Não, eu vou voltar para Belo Horizonte, vou fazer Comunicação, vou fazer Cinema.” Então comecei a me ligar de novo ao pessoal de Cinema aqui em Belo Horizonte. Que era o pessoal a AMPC – Associação Mineira de Produtores Cinematográficos. E comecei a participar das reuniões e comecei a me ligar. E comecei a fazer som direto para curtas metragens que já estavam sendo feitos. Comecei a trabalhar como assistente de direção. Comecei a fazer Super-8. Fiz alguns Super-8. Nessa época também eu fui produtor musical do Maria Maria, e fiz alguns documentários sobre o Maria Maria em Super-8. Enfim eu ensaiei essa questão, comecei a ensaiar a questão do cinema. E em 1977 eu resolvi me ligar à Publicidade, muito na percepção de que o cinema em Minas tinha muito pouco mercado de trabalho para as pessoas.

P/2 – Hum, hum

R – Se fazia muito pouco cinema em Belo Horizonte. E como eu estava naquele contexto ali de Comunicação, Publicidade etc e tal, eu falei: “Eu vou fazer, eu vou para uma agência que talvez com uma RTV eu possa me ligar ao metiê cinematográfico. Ao fazer cinematográfico, pelo menos do ponto de vista técnico de uma maneira mais próxima.” E fiz isso. Fui para a LF, virei produtor de RTV da LF e ali eu comecei a acompanhar as produções de publicidade. Ali eu comecei a dirigir os primeiros comerciais. E aí eu me liguei mais a área de produção visual. Mas vindo sempre dessa ligação com a música, que vinha da minha mãe, que vinha da minha história de vida. Eu sempre de alguma maneira estudei diligentemente um pouco de música.

P/1 – Isso que eu ia perguntar: você chegou a estudar com a sua mãe? O que é que vocês tocavam?

R – Estudei.

P/1 – Cantavam?

R – É, minha mãe dava aula de flauta, flauta Bloch, né? E minha mãe era uma pessoa muito ligada a esse universo. O Marco Antônio Guimarães, do Uakti, foi muito amigo da minha mãe. Muita gente da música foi amigo de minha mãe. Como ela morreu muito cedo, ela morreu em 1968...

P/1 – Qual o nome dela?

R – Maria Antonieta. Maria Antonieta Salles. Eu estudei flauta com ela, muito. Sabe assim, o Isaac Karabtshevsky que também tinha um conjunto de flauta, através da Fundação eles ensaiavam lá em casa. Então eu sempre tive essa ligação com música. Com a morte da minha mãe... A morte da minha mãe ela foi muito pesada para mim. A minha mãe era uma pessoa assim, não só muito querida pelas pessoas em volta, ela tinha uma força de aglutinação muito grande das pessoas. Todo mundo queria muito... O Marco Antônio do Uakti é louco por minha mãe. Bem, todo mundo era muito, o Juvenal Pereira. Conversa da minha mãe com o Juvenal. O Juvenal foi em casa, essa história é tão engraçada. O Juvenal foi em casa vender um disco do Pacífico Mascarenhas. O Juvenal trabalhava para a Bemol.

P/1 – (risos)

R – Minha mãe falou assim: “Escuta Juvenal – o Juvenal era amigo do meu irmão – você não tem talento para isso não. Pega essa máquina fotográfica aqui e vai fotografar.” Assim que o Juvenal virou fotógrafo.

P/1 – É mesmo?

R – É. Então assim, minha mãe deu muita aula para músicos lá em casa. Silvinho, enfim. Bom, com a morte da minha mãe, que foi em 1968, eu um pouco que fui buscar assim apoio, eu era muito novo. Eu estava morando fora de Belo Horizonte há alguns anos, que eu estava estudando em Santa Rita. Então assim, eu fui buscar muito resguardo, de alguma maneira, nos amigos. E foi aonde eu me encontro com o pessoal do Bituca, do Fernando, do Lô. Depois a gente vai virar o Clube da Esquina. Esse nucleozinho.

P/1 – Como que você conheceu esse pessoal?

R – Eu conheci com o Juvenal. Eu acho que foi em 1969, eu estava fazendo um Festival de Inverno. Eu estava fazendo desenho, estava fazendo curso de desenho do Festival de Inverno e o Juvenal chegou com Fernando Brant. E eles me entrevistaram. E botaram uma fala minha em uma reportagem no O Cruzeiro. Eu fiquei, pô, eu fiquei metido para danar, né? Ter uma fala minha publicada no O Cruzeiro. Um depoimentozinho assim. E aí por essa época também eu já estava convivendo, um bar muito importante do movimento de música, que foi o Saloon. O Bituca ia muito, o Sérgio Santana, o Marcinho ia bastante também. Era um ponto da noite, nessa época 1969, 1970, onde as pessoas iam tomar uma. Murilo, Murilo ia muito no Saloon.

P/2 – Onde que é o Saloon?

R – Em frente ao Paládio. Em frente ao antigo Paládio. O China, o garçom do Saloon, é uma daquelas fotos lá do disco do Clube da Esquina. O

Bituca estava sempre lá. Depois dos shows as pessoas iam sempre para o Saloon. E quando não estava na casa do Marcinho, na casa do Lô ou do Fernando Brant, o Bituca estava no Saloon. Era ali, o ponto mesmo. Bom, então essa minha ligação com o pessoal, ela vem um pouco de atender essa minha falta, da minha mãe. Esse sentimento grande que foi a morte da minha mãe. E eu comecei a me ligar a essas pessoas. E embora eu nunca tenha sido músico eu sempre de alguma maneira tive a minha vida ligada à música. Tanto que depois disso o Milton fez uma escola, que chamou Escola de Minas. Um momento importante também aqui da música em Belo Horizonte. Muita gente se formou na Escola de Minas e eu comecei a estudar saxofone. Estudei por 10 anos saxofone. Mas eu sempre fui uma pessoa muito dispersiva, sabe assim? Então saxofone eu estudei, realmente, em casa por 10 anos. Eu cheguei a ser bom nesse trem, viu? Meus professores falavam assim: “Pô, Juninho, você é maluco. Você tem é que tocar. Vai para a noite tocar. Você não tem que fazer aula bosta nenhuma não, pô.” Mas eu ficava ali e tocava, tocava direitinho mesmo, né? Mas nunca fui realmente assim, para o que eu acho que é o barato da música, que é o coletivo. Tem uma coisa meio, tem uma coisa a ser resolvida aí, né, do divã de Freud com certeza.

P/1 – (risos)

R – Mas eu sempre estive ligado.

P/1 – Ô, Juninho, e você circulava também na casa da dona Maricota, na casa dos Brant? Você também ia nessas casas, convivia com as famílias?

R – Sim. Essa coisa é engraçada, meu contato com o grupo do Clube da Esquina ele se deu através do Juvenal que era muito amigo do Fernando Brant. Então nessa época a gente já estava, eu encontrava muito com o Bituca, ou no Saloon, ou na casa do Fernando. Eu ia muito na casa do Fernando. E ia muito na casa do Marcinho. Mas eu não tinha uma ligação pessoal como eu tenho hoje com eles. Eu ia muito lá em Santa Tereza, mas eu não ia, por exemplo assim, eu não cheguei a ter intimidade com a Maricota, com o Salomão. Eu encontrava com eles mais lá na rua, mais na mercearia ou mais aqui no bar. Mais no Saloon. Então assim, eu convivi com o pessoal do Fernando, eu tive mais intimidade com o pessoal do Fernando, na casa do Fernando. Com a mãe, com o pai dele, com os irmãos do Fernando. E um pouco também claro, com o Marcinho e com o Lô, né? A gente viajava muito juntos à Diamantina. Então quando saía naquelas baladas, eu ia, eu tinha um Fusquinha na época, e o Bituca no Totó que era o Fusquinha dele...

P/1 – Ah, isso que eu...

R – ...e eu ia no Tidinho, que era o meu. O Bituca batizou meu Fusca de Tidinho, Aristides. O dele era o Aristóteles, Totó, né? Aí ele batizou o meu de Aristides, era o Tidinho. Então a gente ia juntos para essas viagens para Diamantina...

P/1 – De Fusca para Diamantina?

R – De Fusca para Diamantina.

P/1 – Por que Diamantina?

R – Diamantina é uma ligação do Fernando Brant, a família do Brant é de Diamantina. E nesse começo do encontro da parceria do Bituca com o Fernando, foi-se muito para Diamantina, a partir desse vínculo de Fernando. A família toda de Fernando, o pai de Fernando, né, do seu Moacir lá com Diamantina. A família deles é de Diamantina. Então foi uma época muito legal do Clube da Esquina. A gente ia para o Grande Hotel, que era um hotel genial na divisa de Diamantina. Assim, um hotel mais antigo, mais simples. O dono era meio gay, mas era um cara que adorava o pessoal, sabe? Então quando eu escuto “Na janela lateral” eu lembro direitinho das janelas do Grande Hotel de Diamantina, que era onde a gente ficava. Todo mundo ficava no Grande Hotel. Era uma hospedagem barata, legal, e aconteciam as baladas. Aconteciam grandes baladas. Os encontros com O Beco da Mota, uma grande parte de boas músicas do Fernando e do Marcinho foram feitas em Diamantina. Aconteceu aquele encontro com o Juscelino Kubitschek lá.

P/1 – Conta para a gente como é que é esse encontro? Porque é meio histórico isso. Tem foto e tudo, conta. O que é que aconteceu? Foi casual?

R – Foi totalmente casual, sabe assim? Eu acho que quem vai falar bem disso é o Fernando, né? Mas foi um encontro muito casual. A gente estava lá passeando, era uma balada, de a gente ir viajar, passear e curtir juntos a coisa da música, e tudo mais. Eu como eu te falei, eu era um pouquinho mais novo. Era dois ou três anos mais novo que o pessoal, então assim, eu era um pouco meio que mascote. Meio que o pivete da turma. Mas eu acho que quando o pessoal, isso era o quê? 1972. Então a repressão era pesada, era um momento em que o Governo Militar estava pesando a mão. E o momento em que esse sentido do encontro do Clube da Esquina estava muito... tinha muito esse sentido, esse tom de resistência. Ou seja, os músicos populares, os músicos compositores, né, o Bituca, aí incluindo o Marcinho, o Bituca e o Fernando Brant enquanto letristas, né? O Chico, o Caetano eles eram as grandes vozes da população no sentido de que eram eles que, era o único canal que expressava a resistência. Então assim, a gente estava vivendo um momento muito doido, que era um momento de muito fechamento político das liberdades individuais e ao mesmo tempo no mundo a gente convivia com momento de muita abertura das liberdades de costume. Era contracultura, era o movimento hippy, era o movimento de liberação sexual. O Hair, né? A Sônia Braga fazendo Hair nua no palco. Que eu assisti. Eu saí de Santa Rita e fui assistir. Então era um momento de uma contradição muito importante para a nossa geração e que eu acho que é pouco explorada até hoje do ponto de vista de obra. Essa contradição. Ou seja, a gente vivia uma, um impulso de liberação sexual, ou um impulso que o Zuenir Ventura fala no...

P/2 – Naquele livro.

R – ...naquele livro, né? O impulso de liberdade de costumes, né, assim, da questão do movimento hippy, do impulso de negação dos valores burgueses. Isso tudo assim, muito forte do ponto de vista de estrutura de costumes, e ao mesmo tempo a gente vivia uma repressão muito forte do ponto de vista político, que eram as revoluções de 1965, 1968 e 1970. E os músicos como os grandes porta-vozes, mais do que os da literatura, mais do que a pintura. Mais do que qualquer outra forma de expressão artística. Os compositores populares foram o grande canal de identificação da gente que era revoltado, da gente que se via tolhido, da gente que se via furtado nas nossas liberdades individuais. A gente que escutava, por exemplo, eu não fui de uma geração, eu não tive amigos pessoais que morreram, mas eu vi amigos dos meus amigos sumindo. E via aquele sentimento que estava cristalizado ali no Chico, na obra do Bituca, do Marcinho, do Fernando, né? Então eles eram os grandes porta-vozes. Então eu acho, por que é que o Clube da Esquina é uma coisa impressionante, porque mais do que o movimento de tletes ele agrega em torno dele. Se você for chamar de núcleo duro, de núcleo sólido do Clube da Esquina você vai chegar aí no Bituca, no Fernando Brant, no Marcinho Borges e no Toninho Horta com certeza.

P/1 – Hum, hum

R – Se você for, que são talvez os que mais se perguntam se houve Clube da Esquina ou não. (riso) Se você for olhar em um aspecto mais amplo você vai chegar nessas pessoas que como eu não eram autores, mas conviveram de perto. Que viajei com o Bituca, tirei fotografia com o Juscelino com eles, né? Fui para o Rio de Janeiro para a casa do Bituca várias vezes. Fiquei na casa do Bituca várias vezes. Passeamos em vários

lugares, para vários lugares, fui para Três Pontas com o Bituca, na fazenda do Jaca. Fui amigo do Bebeto da música Paula e Bebeto, que também é um amigo do Bituca lá da região. Então tem esse universo mais próximo que não eram de autores, mas eram de pessoas que conviviam e tinham essa identificação, né? Ou seja, eles além de serem a nossa voz, além de estarem dizendo aquilo que a gente gostaria de estar tendo oportunidade de dizer, em alto e bom som para o Brasil, a gente era amigo deles. E existe, e esse pessoal que é meio que anônimo do Clube da Esquina, que está na capa dos discos, né? E tem os absolutamente mais distantes mesmo, que são milhões, que são pessoas que repercutiram isso. Quer dizer, ouviram falar do Clube da Esquina e tinham essa identidade com esse momento do Clube da Esquina. Tanto musical, que deve se falar muito ao longo das entrevistas, quanto do ponto de vista de o Clube da Esquina ser a nossa corneta. O Fernando Brant tem uma frase linda, com uma música do Toninho assim: “Esse jornal é o meu revólver.” Quer dizer, nesse momento a obra do Milton Nascimento, a obra do Toninho Horta, a obra desses músicos, eles faziam da canção o revólver deles. Era a arma de combater. E isso tudo a gente se identificava muito. A gente estava muito perto disso.

P/1 – Indo um pouquinho mais para a frente...

(Fim da 1ª Parte)

P/1 – Bom, Juninho, continuando, mas tem um momento que é fundamental que é o lançamento do disco Clube da Esquina. Para você é ou não é, enfim, o que é que você lembra do disco nº 1.

R – Eu acho que o disco ele é um momento, ele é o clímax desse sentimento. Ou seja, é uma expressão no mundo que acontecia, que estava acontecendo politicamente. Ou seja, em que o Governo Militar estava matando, oprimindo, estava tolhendo a voz, tolhendo, acabando com a liberdade de expressão. No mundo que a gente tinha 18, 20 anos, 20 e poucos anos que a gente tinha esse impulso natural de estar querendo ter voz, está querendo ser um indivíduo. Querendo participar do Museu da Pessoa.

P/1 – (risos)

R – Querendo sair daquela massa. É um sentimento muito intrínseco da idade, dos 20 e tantos. Você quer se individualizar, você quer se individualizar. E que a gente estava convivendo com aquela repressão, com aquele abafa e ao mesmo tempo com essa contradição que era a contracultura, que era o movimento hippie no Hyde Park. Não sei que lá, e para lá, as pessoas, a liberdade sexual. Vivendo uma mudança radical no universo das pessoas. Eu acho que, a gente em Minas Gerais tem uma tradição engraçada, Belo Horizonte tem uma tradição engraçada também, que é de ser fora do eixo. Ou seja, Minas Gerais não faz parte do eixo Rio-São Paulo. Então aquilo ali, o Bituca, o Marcinho, o Fernando eles estarem acontecendo na cultura nacional. Isso é uma coisa muito interessante, sabe, assim, o sentimento da gente como mineiro que a gente, a revista... Isso quando eu morei, em São Paulo e Rio, eu senti isso muito de perto. Eu sentia que as coisas que eram mídia nacional estavam acontecendo do meu lado. Aqui em Belo Horizonte isso não acontecia. Mas isso aconteceu com o movimento musical do Bituca, do Fernando e do Marcinho. Quer dizer, uma coisa que tinha expressão nacional estava acontecendo aqui em Belo Horizonte ao nosso lado. Então assim, a gente além de ser amigo deles a gente tinha muito orgulho. Então o disco do Clube da Esquina – primeiro que musicalmente ele é maravilhoso – ele é um disco que a gente que acompanhou. Eu via esse sentimento coletivo, esse sentimento dele ser uma obra coletiva. O Bituca era o grande agregador. O Bituca era o grande aglutinador. Bituca nesse momento ele já tinha ido ao Rio, ele já tinha ido a São Paulo, ele já tinha um relativo sucesso. E ele já tinha ido e voltado. Ele já estava nesse trânsito dentro de Belo Horizonte. Então Bituca era um pouco a ponte nossa dentro da cultura nacional. E, mas a gente acompanhava, né? Porque como eu era amigo do pessoal, eu via a maneira que eles trabalhavam. Porque eu não fui àquela casa na praia que o pessoal ficou, mas eu estava tendo notícias delas, constantemente. Através dos amigos, do próprio Marcinho quando ele voltava, do Fernando, do Juvenal. E quando o disco saiu o disco teve imediatamente uma, além de tudo, além dele ser uma obra que a gente via a maneira que ele foi criado musicalmente, dos companheiros da gente ali que estavam fazendo, ele teve uma ressonância nacional imediata. O Clube da Esquina foi um disco que aconteceu. Então assim, a gente tinha muito orgulho. E eu até tinha uma fotinho minha lá, pô. Eu era do Clube da Esquina, né? Eu era. Era da turma, porra, sabe assim? Então tinha além desse meu sentimento pessoal, do momento que eu vivia, um pouco depois da morte da minha mãe, meu sentimento de perda. Meu sentimento de reencontro dessa coisa da música, da musicalidade com esse pessoal todo. Tinha essa coisa de tribo mesmo. Você pô, estar ali na, eu era orgulhosíssimo. Eu sempre tive um orgulho enorme da minha foto estar na capa do disco ali.

P/2 – Tem alguma música que você prefere no disco? Alguma especial.

R – Não tem, sabia? Eu gosto...

P/2 – Gosta de todas?

R – É, o disco para mim, ele mais do que um bando de músicas, eu gosto de qualquer uma quando eu escuto, porque todas elas de alguma maneira me remetem a alguma coisa. Por exemplo, “janela lateral” eu lembro daquilo que o Marcinho fala nos livros dele, que foi a sinfonia dos sapos. Que o Bituca e o Marcinho, e o Lô cantaram com os sapos na sentinela em Diamantina. Você não falou, né, Marcinho no seu livro. Já reclamei pessoalmente com você. Mas eu estava lá presente. E foi um negócio lindo. Entardecer, a noite caindo e Bituca cantando com os sapos na sentinela, o Lô cantando também, tocando violão. E então assim, cada música para mim me traz uma lembrança. Mas o disco ele é esse momento. Sabe assim, esse momento político, esse momento musical, esse momento pessoal dos 20 e poucos anos, né? Dos 21 anos que eu tinha em 1972. Esse orgulho de estar participando. Porque eu tinha esse orgulho de ser amigo das pessoas que, pessoas que estavam levantando a voz contra a ditadura. Pessoas que estavam levantando a bandeira libertária. Então assim, a gente que era... não tinha vivido isso como o Marcinho, foi uma pessoa que combatia na questão, na militância mesmo. Enfim, eles eram os nossos ídolos. Eram as pessoas que estavam dizendo aquilo que a gente queria ter a oportunidade de dizer e que a gente assinava embaixo, né?

P/2 – Hum, hum.

P/1 – Juninho, infelizmente o nosso tempo é curto demais, assim, a gente poderia ficar muito mais tempo. O que é que você achou de ter dado essa entrevista, ter contribuído assim com a tua versão, com a tua história relacionada ao Clube, para o Museu Clube da Esquina?

R – Eu acho que o museu ele é uma idéia sensacional pelo seguinte: ele está permitindo à essa geração e a todos nós que vamos dar depoimento aqui reescrever a própria história de vida. Eu acho que de alguma maneira o museu te oferece essa oportunidade de você repensar esse momento, o que é que significou na sua vida. E eu sinto que até mesmo para as pessoas que foram agentes atuantíssimas do Clube da Esquina o museu vai dar essa oportunidade de olhar sob novas luzes. O que é que significou isso? Eu acho que foi um momento muito rico, por causa de todas essas vertentes que eu estou falando aqui, a mudança dos costumes do mundo inteiro. O cerceamento das liberdades individuais e políticas, no mundo e particularmente no Brasil, e a passagem da nossa geração pelos 20 anos. Pelos hormônios dos 20 anos, né? Pelo eferescência hormonal de você ir à luta, de você namorar de você transar, de você buscar a liberdade. Então tudo isso criou para nós que convivemos mais de perto como eu ou um pouco mais longe como outras gerações, ou muito mais criativamente como foi o caso desse núcleo duro do Clube da Esquina. Eu acho que o

museu vai permitir repensar isso. Nos anos de 1990 e nos anos de 1980, final dos anos de 1980, o trauma dos anos de chumbo foi muito grande. E se falou muito pouco. Eu acho que Anos Dourados da Rede Globo não reflete nada do que foram os anos de 1970, os anos de 1980. Então isso é uma coisa que ainda está para ser falado na História do Brasil. E eu acho que a gente teve no Clube da Esquina, teve na música do Milton, nas letras do Fernando, nas letras do Marcinho e a música do Lô, e na música do Beto e de todos, do Toninho Horta e de todo esse pessoal que teve voz no Brasil e no mundo, eles foram para a gente os nossos porta-bandeira, né? Então eu acho que todos nós vamos repensar o que é que foram esses anos aqui em Belo Horizonte, e que certamente foram muito importantes.

P/1 - Tá jóia. Obrigada pela entrevista.

R – Com o maior prazer. Não sei se eu falei coisa que preste não mas...

P/1 – Nossa Senhora! (risos)

P/2 – Estava ótimo.

R – (riso)

(Fim da entrevista)